

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC FÁBIO MAURÍCIO LAPROVITA OLIVEIRA

**GEOPOLÍTICA NO PÓS-GUERRA FRIA:
Os Impactos do Crescimento Militar da China no Equilíbrio de
Poder Global, no Século XXI.**

Rio de Janeiro

2024

CC FÁBIO MAURÍCIO LAPROVITA OLIVEIRA

**GEOPOLÍTICA NO PÓS-GUERRA FRIA:
Os Impactos do Crescimento Militar da China no Equilíbrio de
Poder Global, no Século XXI.**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Leandro Freitas Ribeiro

Rio de Janeiro

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada esposa, Priscila Pinheiro Laprovita, pelo seu amor, apoio e compreensão inabaláveis durante toda esta jornada. Sua paciência e incentivo foram fundamentais para que eu pudesse alcançar este objetivo. Ao meu querido filho, João Pinheiro Laprovita, cuja alegria e presença iluminam meus dias, e que me inspira a ser uma pessoa melhor a cada dia. Este trabalho também é para você meu filho.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, CF Leandro Freitas Ribeiro, por sua orientação, paciência e dedicação durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua expertise e conselhos foram fundamentais para a concretização desta dissertação. Expresso também minha gratidão a todos os instrutores da Escola de Guerra Naval, cujas aulas e orientações enriqueceram meu conhecimento e contribuíram significativamente para o meu crescimento profissional e acadêmico. A colaboração e apoio de cada um de vocês foram indispensáveis para a conclusão desta jornada

Gratidão

"O conhecimento de si mesmo é o núcleo central do estudo de qualquer coisa."
- Olavo de Carvalho

RESUMO

Esta dissertação analisa os impactos do crescimento militar da China no equilíbrio de poder global no século XXI, utilizando como base teórica o Realismo Ofensivo de John Mearsheimer e a Teoria do Equilíbrio de Poder de Kenneth Waltz. O estudo contextualiza o desenvolvimento militar chinês no sistema internacional pós-Guerra Fria e avalia a resposta das grandes potências, especialmente dos Estados Unidos, a essas mudanças. A análise inclui uma revisão dos conceitos de Realismo Ofensivo, Equilíbrio de Poder, Polaridade no Sistema Internacional, Coerção, Dissuasão e os diversos tipos de poder (*hard power*, *soft power* e *smart power*). Os dados apresentados mostram o aumento significativo do orçamento militar chinês, a modernização das forças armadas e o desenvolvimento de tecnologias avançadas, como mísseis balísticos e armas hipersônicas. A dissertação conclui que o crescimento militar da China está promovendo uma transição da unipolaridade para a multipolaridade, desafiando a hegemonia americana e alterando a dinâmica do equilíbrio de poder global e tem compatibilidade com a teoria do Realismo Ofensivo.

Palavras-chave: Crescimento militar da China. Equilíbrio de poder. Realismo Ofensivo. John Mearsheimer. Kenneth Waltz.

ABSTRACT

The Impacts of China's Military Buildup on the Global Balance of Power in the 21st Century

This dissertation analyzes the impacts of China's military growth on the global balance of power in the 21st century, based on John Mearsheimer's Offensive Realism and Kenneth Waltz's Balance of Power Theory. The study contextualizes Chinese military development within the post-Cold War international system and assesses the response of major powers, especially the United States, to these changes. The analysis includes a review of the concepts of Offensive Realism, Balance of Power, International System Polarity, Coercion, Deterrence, and various types of power (hard power, soft power, and smart power). The presented data show the significant increase in China's military budget, the modernization of its armed forces, and the development of advanced technologies such as ballistic missiles and hypersonic weapons. The dissertation concludes that China's military growth is promoting a transition from unipolarity to multipolarity, challenging American hegemony, and altering the dynamics of the global balance of power and it is compatible with the theory of Offensive Realism

Keywords: China's military growth. Balance of power. Offensive Realism. John Mearsheimer. Kenneth Waltz.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS TEORIAS DO REALISMO OFENSIVO E DO EQUILÍBRIO DE PODER.....	12
2.1 O REALISMO OFENSIVO	14
2.2 O EQUILÍBRIO DE PODER.....	16
2.3 POLARIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL	17
2.4 COERSÃO E DISSUAÇÃO	19
2.5 CONCEITOS DE POWER, SOFT POWER, HARD POWER E SMART POWER	21
3 O CONTEXTO DO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA	24
3.1 DADOS DO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA.....	24
3.2 PRINCIPAIS ELEMENTOS DO DESENVOLVIMENTO MILITAR DA CHINA	26
3.3 TRANSIÇÃO DA POLARIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL PELO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA	30
3.4 EXPANSÃO DAS CAPACIDADES NUCLEARES DA CHINA	32
3.5 O CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA E O DILEMA DA SEGURANÇA	34
4 PONTOS DE ADERÊNCIA DO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA COM A TEORIA DO REALISMO OFENSIVO	36
4.1 O CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA SOB A PERSPECTIVA DO REALISMO OFENSIVO ...	36
4.2 A BUSCA PELA MAXIMIZAÇÃO DE PODER E A POSTURA ASSERTIVA DA CHINA	37
4.3 COERÇÃO E DISSUAÇÃO COMO FERRAMENTAS DE PODER.....	38
4.4 APLICAÇÃO DO <i>HARD POWER</i> , <i>SOFT POWER</i> E <i>SMART POWER</i> NA ESTRATÉGIA CHINESA	40
4.5 A MODERNIZAÇÃO MILITAR CHINESA E O IMPACTO NO EQUILÍBRIO DE PODER GLOBAL	41
4.6 A EXPANSÃO DAS CAPACIDADES NUCLEARES DA CHINA	42
4.7 O DILEMA DA SEGURANÇA E A PERCEPÇÃO DE AMEAÇA	43
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a China emergiu como uma das principais economias globais, experimentando um crescimento econômico sem precedentes que a posicionou como uma potência regional e, potencialmente, global passando assim de uma economia em desenvolvimento para uma potência econômica global.

Este crescimento notável, impulsionado por reformas internas e uma participação cada vez mais ativa no comércio internacional, redefiniu o papel da China no palco mundial. Sua emergência como uma potência regional e sua trajetória em direção a uma influência global potencial trazem novas dimensões para o debate sobre as relações internacionais, desafiando a ordem estabelecida no pós-Guerra Fria e demonstrando um grande potencial para alterar as dinâmicas de poder existentes, desde o fim da guerra fria e mais especificamente no século XXI.

Impulsionado por seu vertiginoso crescimento econômico, a China voltou seus olhos para o fortalecimento de suas capacidades militares. Esta decisão estratégica, delineada em várias etapas de modernização e expansão, tem demonstrado a intenção clara de Pequim em não apenas defender seus vastos territórios e interesses soberanos, mas também em exercer sua influência como uma potência dominante no cenário global.

O investimento contínuo em tecnologia de defesa avançada, a construção de uma marinha capaz de projeção de poder, e o desenvolvimento de capacidades cibernéticas e espaciais são indícios de uma nação que aspira a uma posição de liderança na geopolítica mundial.

Este trabalho visa responder às seguintes perguntas: O crescimento militar da China altera o equilíbrio de poder global? Além disso, essa postura da China, é compatível com a Teoria do Realismo Ofensivo?

Essa dissertação será estruturada em cinco capítulos, começando com esta Introdução. No segundo capítulo, apresentaremos conceitos fundamentais sobre a teoria do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer que sugere que, em um sistema internacional anárquico onde não existe uma autoridade central, os grandes poderes estão sempre em busca de oportunidades para ganhar poder em relação aos seus rivais. Teoria do Equilíbrio de Poder de Kenneth Waltz, que argumenta que os Estados tendem a buscar um equilíbrio de poder, e caso necessário, costumam

alianças para se opor a qualquer Estado que ameace tornar-se preponderante, dificultando assim a dominação por um único poder hegemônico. Apresentaremos também nesse capítulo os conceitos de Polaridade no Sistema Internacional, que se refere à distribuição de poder entre os Estados-nação, determinando a estrutura de geopolítica global, além dos seguintes conceitos: Coerção e Dissuasão, *Power*, *Soft Power*, *Hard Power* e *Smart Power*.

Dessa forma prepararemos o terreno para entender a ascensão militar da China e sua implicação no equilíbrio de poder global e sua relação com o Realismo Ofensivo.

No terceiro capítulo, contextualizaremos o crescimento militar e econômico da China, evidenciando como a modernização de suas forças armadas e sua política externa mais assertiva estão remodelando o cenário geopolítico mundial, apresentando fatos históricos e dados que corroborem para nossa análise e objeto de estudo. Também destacaremos a importância estratégica deste desenvolvimento para a China e para o mundo.

No quarto capítulo, investigaremos se há pontos de aderência entre o movimento de crescimento militar chinês e seus desdobramentos, mais especificamente no século XXI, podem ser classificados e inseridos dentro da Teoria do Realismo Ofensivo e quais seus impactos no equilíbrio de poder global, no contexto de suas relações internacionais.

Finalmente, no quinto capítulo, com base no que foi apresentado nos capítulos anteriores, faremos a conclusão do nosso estudo sobre esse movimento geopolítico significativo de crescimento militar a partir de um patamar de estabilidade e crescimento econômico, de um dos principais atores geopolíticos no cenário geopolítico mundial: A China.

Nesse momento, avançaremos para o segundo capítulo, onde exploraremos mais profundamente os conceitos e modelos teóricos pertinentes ao nosso estudo e que darão a base teórica que servirão de alicerce para sedimentarmos e desenvolvermos as questões de pesquisa dentro do método proposto.

2 AS TEORIAS DO REALISMO OFENSIVO E DO EQUILÍBRIO DE PODER

Neste capítulo, apresentaremos conceitos fundamentais que servirão de arcabouço teórico para primeiro entender e posteriormente posicionar o crescimento militar da China à luz das Teorias anteriormente mencionadas, além do seu impacto no Sistema Internacional (SI) no século XX. Inicialmente será essencial apresentar as teorias do Realismo Ofensivo e do Equilíbrio de Poder, juntamente com os conceitos de polaridade no SI, além dos conceitos de coerção e dissuasão, para então analisar como essas teorias se aplicam ao caso chinês, estabelecendo, assim, algumas considerações iniciais.

O pensamento estratégico no âmbito das relações internacionais desenvolveu-se amplamente ao longo do século XX, marcado pela emergência de teorias como o Realismo Ofensivo de John Mearsheimer, que argumenta que as grandes potências estão perpetuamente em busca de maximizar seu poder para alcançar uma posição hegemônica em sua região. Esse recorte teórico é especialmente relevante para analisar a postura da China, que tem demonstrado uma contundência crescente em suas políticas militares e externas.

Historiadores e teóricos das relações internacionais como Kenneth Waltz e Robert Gilpin também contribuíram com teorias e conceitos relevantes como a Teoria do Equilíbrio de Poder, e o conceito de polaridade no (SI), que ajudam a entender o sistema internacional como um campo dinâmico de forças em constante mudança, influenciado significativamente pelo comportamento de potências emergentes como a China. Além disso, o conceito de dissuasão, amplamente discutido por Thomas Schelling, oferece uma lente por meio da qual podemos examinar, mesmo sem se aprofundar, a estratégia militar chinesa, particularmente em relação a Taiwan e ao Mar do Sul da China, usado como um recorte para avaliação da postura de Pequim, à luz do realismo ofensivo.

No entanto antes de apresentarmos o Realismo Ofensivo, é importante contextualizá-lo como uma das variantes do Realismo, que no campo das Relações Internacionais, constitui uma das teorias fundamentais que propõem entender a política global por meio do poder e da segurança.

As diferentes vertentes do realismo, embora compartilhem a premissa fundamental de que o sistema internacional é anárquico e que os Estados buscam garantir sua segurança, divergem significativamente em suas abordagens e ênfases.

O realismo clássico, representado por Hans Morgenthau, enfatiza a busca incessante de poder como um reflexo da natureza humana, onde os Estados buscam maximizar seu poder para assegurar sua sobrevivência em um ambiente competitivo e sem uma autoridade central (Mingst, 2014).

Em contraste, o realismo defensivo, articulado por Kenneth Waltz, propõe que os Estados buscam principalmente a manutenção da segurança e a preservação do status quo, adotando estratégias de equilíbrio para evitar a formação de coalizões adversárias que poderiam comprometer sua segurança (Mingst, 2014).

Já o realismo ofensivo, defendido por John Mearsheimer, sugere que os Estados devem maximizar continuamente seu poder relativo para alcançar a hegemonia regional, operando sob a premissa de que as intenções dos outros Estados nunca são certas, justificando assim a busca constante por oportunidades de expansão do poder. Destacamos que essas diferenças refletem distintas interpretações sobre como os Estados devem agir para garantir sua segurança em um sistema internacional anárquico e competitivo (Mingst, 2014).

Essa Distinção entre as vertentes do Realismo nos mostra que em que pese cada uma ter suas próprias características marcantes, em todas elas o foco é o próprio Estado, autônomo, independente e racional na busca de seus interesses nacionais.

Estabelecidas essas diferenças, esse trabalho se dedicará a investigar a vertente do Realismo Ofensivo e para entender de forma abrangente sua aplicação ao caso chinês, é importante contextualizar o ambiente geopolítico no qual a China está inserida, assim observamos que desde o fim da Guerra Fria, a China tem progressivamente expandido suas capacidades militares, investindo em tecnologias avançadas e aumentando sua presença militar em regiões estratégicas. Esta análise requer um olhar detalhado sobre os desenvolvimentos militares específicos e as políticas externas da China, assim como as reações das outras grandes potências a esses movimentos.

Portanto, este capítulo não apenas define os conceitos-chave e teorias pertinentes, mas também prepara o terreno para uma análise profunda de como o crescimento militar da China está reconfigurando o panorama geopolítico, e seus impactos no equilíbrio de poder global, além servir de base para verificarmos se existe um alinhamento assertivo desse crescimento, com a Teoria do Realismo Ofensivo.

2.1 O realismo ofensivo

O realismo ofensivo se distingue por sua ênfase na busca ativa por poder e na maximização do poder relativo como meio de garantir a segurança dos Estados. Enquanto o realismo clássico tende a enfatizar a manutenção do equilíbrio de poder e a estabilidade do sistema internacional, o realismo ofensivo argumenta que os Estados devem buscar constantemente oportunidades para aumentar sua posição de poder em relação aos seus rivais, mesmo que isso envolva ações agressivas e a exploração de vulnerabilidades dos oponentes. Essa abordagem mais assertiva e competitiva do realismo ofensivo o distingue como uma teoria que enfatiza a importância da maximização do poder como estratégia fundamental para a segurança e sobrevivência dos Estados em um ambiente anárquico e competitivo (Mearsheimer, 2001)

No realismo ofensivo, a dinâmica do sistema internacional é marcada por uma competição incessante entre os Estados em busca de maior influência e controle sobre o ambiente ao seu redor. Além disso, a teoria argumenta que a anarquia do sistema internacional incentiva os Estados a adotarem uma postura agressiva e expansionista para garantir sua sobrevivência e segurança. Nesse sentido, a lógica do poder é fundamental, pois os Estados buscam constantemente ampliar sua capacidade militar, econômica e política para maximizar sua posição relativa em relação aos demais atores do sistema. Essa busca incessante por poder é vista como uma resposta racional ao ambiente competitivo e incerto em que os Estados operam, onde a vulnerabilidade à pressão externa pode resultar em perdas significativas de autonomia e segurança (Mearsheimer, 2001).

Além disso, o realismo ofensivo destaca o dilema de segurança, no qual as ações tomadas por um Estado para aumentar sua própria segurança muitas vezes resultam na diminuição da segurança de outros Estados. Esse paradoxo reflete a natureza competitiva e conflituosa do sistema internacional, no qual a busca individual por segurança pode gerar insegurança e desconfiança entre os atores envolvidos. Nesse contexto, a maximização do poder relativo é vista como uma estratégia essencial para garantir a sobrevivência e a autonomia de um Estado, mesmo que isso implique em potenciais repercussões negativas para outros atores no sistema (Mearsheimer, 2001).

Outro aspecto relevante na teoria do Realismo Ofensivo é a propensão à guerra preventiva é um princípio fundamental que sugere que os Estados, operando em um ambiente anárquico, muitas vezes optam por ações ofensivas para impedir que potenciais adversários aumentem seu poder de forma a ameaçar sua segurança no futuro. Essa abordagem é racional em um sistema internacional onde a antecipação das intenções dos outros Estados é crucial para a sobrevivência. A lógica subjacente é que, ao neutralizar um adversário antes que ele se torne significativamente mais poderoso, um Estado pode evitar uma ameaça maior e potencialmente mais perigosa mais adiante. Esta estratégia preventiva reflete a visão realista de que os Estados estão constantemente em busca de maximizar seu poder relativo e garantir sua posição no sistema internacional competitivo e incerto (Mearsheimer, 2001).

Com base nesse trecho, é possível examinar como o realismo ofensivo explica a necessidade dos Estados de buscar constantemente oportunidades para aumentar seu poder relativo. Este conceito nos fornece indícios que o comportamento da China no século XXI, no que tange ao seu aumento significativo do poder, ilustra essa busca incessante por maximização de poder. Ao analisar seu ambiente estratégico e perceber as vulnerabilidades de seus adversários, a China adota uma postura assertiva para fortalecer sua posição regional e global.

Esses conceitos nos permitiram dissecar a natureza diversificada das relações internacionais, onde a segurança é percebida não somente como uma necessidade passiva, mas como um objetivo perseguido por meio do aumento do poder. Ao examinar a abordagem de Mearsheimer, identifica-se uma interpretação pragmática da anarquia do SI que enfatiza uma busca incessante pela autopreservação.

O Realismo Ofensivo, portanto, esclarece a relevância de uma análise contínua das estratégias de poder, sublinhando a necessidade de um Estado manter-se vigilante e estrategicamente adaptável para assegurar sua sobrevivência, além de expor a imperativa acumulação de poder não como uma mera escolha estratégica, mas como uma exigência fundamental para a manutenção da segurança e influência em um cenário global perpetuamente competitivo e imprevisível.

A partir de agora apresentaremos o conceito de equilíbrio de poder, uma dinâmica essencial nas relações internacionais que explica como os Estados

procuram manter uma distribuição equilibrada de poder para evitar a dominação de qualquer um deles sobre os demais.

2.2 O equilíbrio de poder

A teoria do equilíbrio de poder é uma dinâmica fundamental do sistema internacional, caracterizado pela ausência de uma autoridade suprema. Essa anarquia sistêmica impulsiona os Estados a buscar segurança maximizando suas capacidades relativas de poder para evitar a dominação por outros Estados. A teoria do equilíbrio de poder, portanto, descreve um Estado de equilíbrio em que nenhum Estado é capaz de impor sua vontade sobre outros de forma absoluta, garantindo assim a estabilidade internacional. Dessa forma, embora os Estados sejam motivados por interesses de autopreservação, suas ações contribuem inadvertidamente para a manutenção do equilíbrio de poder, que é essencial para a ordem e a estabilidade internacionais (Waltz, 1979).

O equilíbrio de poder pode ser mantido por mecanismos internos e externos. Internamente, os Estados investem em melhorias militares e econômicas para fortalecer suas posições relativas no sistema internacional. Externamente, as alianças estratégicas são formadas como um meio de neutralizar potenciais ameaças representadas por Estados mais poderosos. Essas ações funcionam como ajustes automáticos, originados da lógica inerente à anarquia sistêmica que governa as relações internacionais. Cada Estado, ao perseguir sua própria segurança, contribui para um sistema onde o poder é distribuído de maneira a prevenir qualquer supremacia unilateral (Waltz, 1979).

A teoria do equilíbrio de poder nos mostra uma perspectiva sobre a estabilidade relativa e a previsibilidade do sistema internacional, uma vez que, apesar das constantes ameaças de conflito e competição, o sistema internacional tende a manter uma ordem estável através do equilíbrio de poder. Esta teoria não apenas descreve o comportamento dos Estados em busca de maximizar seu poder relativo, mas também prevê como eles responderão às mudanças nas dinâmicas de poder. Portanto, embora o ambiente internacional seja competitivo e marcado por conflitos potenciais, o constante ajuste das capacidades dos Estados em relação

uns aos outros leva a um padrão de comportamento que sustenta a ordem global e minimiza a ocorrência de conflitos de larga escala (Waltz, 1979).

Examinando a teoria do equilíbrio de poder de Waltz, observa-se que ela permite distinguir entre as ações internas e externas que os Estados empregam para manter ou alterar o equilíbrio de poder, revelando uma interdependência implícita que perpetua a estabilidade sistêmica. A teoria do equilíbrio de poder, portanto, não apenas esclarece o funcionamento do sistema internacional, como também descreve uma estratégia de sobrevivência dos Estados dentro das dinâmicas de poder global que se auto-regula, dificultando o domínio hegemônico prolongado.

Exploraremos agora o conceito de polaridade no sistema internacional, que descreve a distribuição de poder entre diferentes Estados ou grupos de Estados. Veremos que a polaridade é um elemento fundamental para entender as dinâmicas de poder globais e as interações entre as grandes potências.

2.3 Polaridade no sistema internacional

Os realistas usam o conceito de polaridade para descrever a estrutura do sistema internacional, enfatizando a distribuição de recursos entre os Estados ou grupos de Estados, conhecidos como "polos". A polaridade do sistema é classificada em três tipos principais: multipolaridade, bipolaridade e unipolaridade. Na multipolaridade, diversos atores significativos compartilham o poder, cada um mantendo uma capacidade comparável de influenciar os eventos internacionais. (Mingst, 2014).

Dentro de um sistema multipolar, existem normas fundamentais que orientam as ações dos Estados. Primeiramente, qualquer ator ou coalizão que busque assumir uma posição dominante no sistema internacional deve ser contido. Os Estados frequentemente procuram expandir suas capacidades por meio da aquisição de território, crescimento populacional ou desenvolvimento econômico. Além disso, optar por negociações é geralmente preferível a entrar em conflito, embora entrar em guerra possa ser considerado mais vantajoso do que permanecer em uma posição de fraqueza, onde o Estado não tem garantias de proteção. Na dinâmica das relações internacionais, os Estados são vistos como aliados potenciais

e, em última análise, cada um zela por seus próprios interesses nacionais, os quais são primordialmente definidos em termos de poder (Mingst, 2014).

Nos sistemas bipolares, observa-se uma dinâmica distinta quando comparada aos sistemas multipolares, como ilustrado durante a Guerra Fria. Durante este período, o mundo foi essencialmente dividido entre dois blocos antagonistas: a OTAN e o Pacto de Varsóvia. Nestes sistemas, as superpotências e seus aliados tendem a evitar confrontos diretos em larga escala, preferindo negociações ou conflitos menores que não escalam para grandes guerras. A lógica por trás dessa preferência é a preservação do próprio bloco e a prevenção da eliminação do rival, o que poderia resultar em uma catástrofe mútua, especialmente considerando o arsenal nuclear de ambos os lados. Conseqüentemente, as alianças formadas em um contexto bipolar geralmente possuem um caráter de longa duração e são baseadas em interesses considerados permanentes e estratégicos, ao invés de interesses que mudam frequentemente. Isso reflete um ambiente onde a estabilidade relativa é mantida através de um equilíbrio de poder cauteloso e a coexistência tensa entre os principais polos de poder (Mingst, 2014).

Por fim, o sistema internacional unipolar foi exemplificado após a Guerra do Golfo em 1991, quando se percebeu que os Estados Unidos emergiram como uma superpotência dominante, destacando-se significativamente em termos de capacidade militar, econômica e organizacional. Naquele momento, os gastos militares dos EUA superavam a soma dos quinze países seguintes, e sua economia era três vezes mais robusta do que as três maiores economias combinadas após a sua. Esta disparidade gerou preocupações tanto entre os aliados mais próximos dos Estados Unidos quanto em todo o mundo em desenvolvimento, temendo que não houvesse força suficiente para contrabalancear o poder americano (Mingst, 2014).

Embora os Estados Unidos continuassem a possuir recursos desproporcionais, o debate persistia sobre sua capacidade de converter tal potencial em poder efetivo. Com o passar do tempo, observou-se que, apesar da manutenção da unipolaridade em termos absolutos, o domínio americano enfrentava desafios, com a ascensão econômica de países como, Japão, União Europeia, Brasil, Índia e sobretudo a China, questionando a capacidade dos EUA de manter sua hegemonia (Mingst, 2014).

Analisando as mudanças na polaridade do sistema internacional, constata-se a evolução de um ambiente multipolar para um bipolar e, finalmente, para um

unipolar com o domínio dos Estados Unidos após a Guerra do Golfo, e sobretudo após a Guerra Fria. Esta transição evidencia como o equilíbrio de poder se ajusta em resposta a novas dinâmicas econômicas e militares dos atores. Ao desmembrar essas estruturas de poder, identificamos que, apesar da predominância americana, o aumento das capacidades militares e econômicas da China desafia a unipolaridade dos EUA, introduzindo novas variáveis na busca pelo equilíbrio global. Esta análise sublinha a importância de reconhecer como as potências emergentes, como a China, redefinem as relações internacionais e a distribuição do poder mundial.

A seguir, discutiremos os conceitos de coerção e dissuasão, que são estratégias cruciais para a influência internacional. Essas táticas envolvem o uso de ameaças ou a prevenção de ações indesejadas, desempenhando papéis fundamentais na política de segurança e nas relações de poder entre os Estados.

2.4 Coerção e dissuasão

Coerção é a capacidade de influenciar o comportamento de indivíduos ou grupos através da ameaça de causar sofrimento ou dano, com o objetivo de forçar uma decisão específica. A coerção funciona com base na expectativa de que a ação prejudicial será evitada se a outra parte ceder às demandas impostas. A diferença entre coerção e força bruta não está apenas nos métodos empregados, mas também nas intenções subjacentes. Enquanto a força bruta impõe a vontade por meio de violência direta e unilateral, a coerção visa modificar o comportamento alheio para obter concessões ou mudanças desejadas. Esse método de influência utiliza a ameaça de dor como um instrumento de barganha diplomática, diferenciando-se por sua natureza calculada e estratégica (Schelling, 2008).

Em contraste, a dissuasão é a capacidade de desencorajar uma ação indesejada mediante a ameaça de retaliação ou consequências negativas, com o objetivo de manter a estabilidade e evitar conflitos. A dissuasão depende de uma comunicação eficaz de ameaças e promessas, persuadindo o potencial agressor a se abster de certas ações devido ao temor das repercussões. A dissuasão visa prevenir ações indesejadas antes que elas ocorram, enquanto a coerção busca alterar o comportamento após a ameaça ter sido feita. Esta distinção é crucial para

entender como as ameaças são usadas para manter a ordem e evitar a escalada de conflitos (Schelling, 2008)

Ao dissecar os conceitos de coerção e dissuasão, constatamos que ambos são métodos estratégicos utilizados para influenciar o comportamento dos Estados no cenário internacional. Relacionando esses conceitos ao crescimento militar da China, observamos que tais conceitos se associam ao Realismo Ofensivo de Mearsheimer.

A análise da coerção através da lente do Realismo Ofensivo, evidencia que essa prática não apenas serve para influenciar o comportamento de outros Estados, mas também para consolidar o poder do Estado coercitivo. A coerção se torna, portanto, uma ferramenta essencial para a sobrevivência e ascensão na hierarquia internacional. O uso de ameaças para influenciar decisões é um exemplo claro de como os Estados atuam de forma racional e estratégica, buscando sempre maximizar seus benefícios em um ambiente marcado pela desconfiança e rivalidade.

Por outro lado, a análise da dissuasão no contexto do Realismo Ofensivo revela que esta estratégia não é apenas reativa, mas também proativa. Ao comunicar de forma clara e eficaz as consequências de ações indesejadas, os Estados são capazes de prevenir ameaças antes que elas se materializem. Isso demonstra a importância da percepção e da credibilidade na política internacional, onde a capacidade de influenciar as expectativas de outros Estados pode ser determinante para a manutenção da paz e da estabilidade.

A distinção entre coerção e dissuasão, portanto, se mostra fundamental para entender como os Estados utilizam ameaças não apenas para alterar comportamentos, mas também para prevenir ações adversas, garantindo sua sobrevivência e autonomia no cenário global competitivo e anárquico.

No próximo subitem, destacaremos os diversos tipos de poder que moldam as interações internacionais, incluindo o poder brando (*soft power*), o poder duro (*hard power*) e o poder inteligente (*smart power*). Analisaremos como essas diferentes formas de poder são utilizadas pelos Estados para alcançar seus objetivos estratégicos no cenário global.

2.5 Conceitos de power, soft power, hard power e smart power

O conceito de poder, frequentemente comparado a fenômenos complexos como o clima, o amor, e outros termos e sentimentos abstratos, é notoriamente difícil de definir e medir com precisão. Essa dificuldade reflete a natureza multifacetada e dinâmica das relações de influência. No contexto das relações internacionais, poder é descrito como a capacidade de influenciar o comportamento de outros para alcançar objetivos desejados, abrangendo uma variedade de abordagens que vão desde a coerção direta até a atração e envolvimento sutis (Nye, 2004).

Além disso, a percepção do poder pode variar significativamente entre os indivíduos. Algumas correntes de pensamento enfatizam a ideia de comando e coerção como a essência do poder, destacando a capacidade de compelir outros a agir contra suas inclinações naturais. Outras correntes, no entanto, ressaltam a importância de entender as preferências e contextos dos envolvidos para uma avaliação mais precisa do poder em ação. Essa perspectiva mais ampla evidencia a complexidade inerente às dinâmicas de influência e poder, demonstrando que o contexto em que o poder é exercido pode alterar significativamente sua eficácia e manifestação (Nye, 2004)

Apresentamos também o conceito de "*hard power*" que é frequentemente associado à utilização de meios coercitivos, como força militar e sanções econômicas, para influenciar o comportamento de outros Estados. Este conceito destaca a importância do poder militar e econômico como ferramentas essenciais para a projeção de poder no sistema internacional. Nesse contexto, o *hard power* é fundamental para a manutenção da ordem e segurança, especialmente em um cenário de competição entre grandes potências (Pecequillo, 2012).

A *Belt and Road Initiative* (BRI)¹ da China (ilustrada no Anexo A) exemplifica o uso estratégico do *hard power*, através de investimentos massivos em infraestrutura que aumentam a dependência econômica dos países participantes e fortalecem a presença econômica da China na região e para ilustrar apresentamos a abordagem da China, que em relação à força militar é profundamente influenciada

¹ A "Belt and Road Initiative" (BRI), também conhecida como Nova Rota da Seda, é uma estratégia global de desenvolvimento proposta pela China em 2013. A BRI visa fortalecer a conectividade regional e aumentar a cooperação econômica através de investimentos em infraestrutura, como estradas, ferrovias, portos e outras instalações, em diversos países. Esta iniciativa busca promover o crescimento econômico e a integração entre os países participantes, ao mesmo tempo em que expande a influência geopolítica da China no cenário global (Chinapower Project, 2024).

pelo realismo, priorizando a conquista de objetivos nacionais sem necessariamente buscar uma vitória total em batalha. Em sua estratégia, a China fortalece laços diplomáticos e econômicos com os países vizinhos para aumentar sua dependência econômica, ao mesmo tempo em que enfraquece os relacionamentos desses países com os Estados Unidos. Embora a China considere a guerra como último recurso, ela não descarta a possibilidade de recorrer a conflitos militares limitados caso as tendências de longo prazo sejam desfavoráveis, especialmente em períodos de tumulto doméstico (Allison, 2017).

Por outro lado, o *Soft Power*, é a capacidade de influenciar os outros através da atração e persuasão, sem recorrer à coerção ou indução. Essa forma de poder baseia-se na habilidade de moldar as preferências dos indivíduos, atraindo-os a compartilhar os mesmos valores e objetivos desejados. Ao contrário do *hard power*, que depende de ameaças e recompensas tangíveis, o poder brando opera de maneira mais sutil, cooptando as pessoas em vez de forçá-las a agir de determinada forma. Nesse sentido, a atração e a influência exercidas pelo poder brando são fundamentais para estabelecer uma liderança eficaz e alcançar objetivos sem a necessidade de imposições diretas (Nye, 2004).

Além disso, a distinção entre poder brando e poder duro, conforme destacado por Nye, reside na natureza do comportamento e na tangibilidade dos recursos envolvidos. Enquanto o *hard power* se baseia em comandos e coerção, o poder brando opera por meio da atração e cooptação, utilizando ativos intangíveis, como cultura, valores e políticas legítimas. Essa abordagem mais sutil e atrativa do poder brando permite influenciar as decisões e ações dos outros de forma mais eficaz, criando uma dinâmica de liderança baseada na atração e persuasão, em vez de na imposição direta de vontades (Nye, 2004).

Por fim, chegamos ao conceito de *smart power*, que combina elementos de *hard power* e *soft power*, utilizando uma abordagem estratégica que integra a coerção e a atração para alcançar objetivos de política externa. Para obter um resultado favorável, um uso eficaz do *smart power* envolve não apenas o uso de força militar e sanções econômicas, mas também a capacidade de atrair e persuadir outros através de valores culturais e políticas legítimas (Nye, 2009).

Uma outra abordagem, também discute a importância do *smart power* na política internacional contemporânea. Uma vez que o *smart power* permite que os Estados maximizem seus recursos de forma eficiente, combinando a força militar e a

diplomacia para criar um ambiente favorável à cooperação internacional e à estabilidade global (Pecequillo, 2012).

Ao analisarmos os conceitos acima, identificamos que o *Hard power*, associado ao uso de força militar e sanções econômicas, destaca a importância de capacidades militares e econômicas robustas para a projeção de poder e manutenção da ordem em um cenário de competição entre grandes potências.

Em contraste, o *soft power* baseia-se na atração e persuasão, moldando preferências e valores através de influências culturais e políticas legítimas. Esta abordagem mais sutil e cooperativa pode ser mais eficaz a longo prazo na construção de relacionamentos internacionais positivos, ao cooptar os indivíduos e promover a aceitação voluntária.

Constatamos que um uso eficaz do *smart power* envolve a aplicação simultânea de força militar e sanções econômicas, bem como a capacidade de atrair e persuadir através de valores culturais e políticas legítimas. Essa abordagem maximiza os recursos disponíveis e promove a cooperação internacional e a estabilidade global.

A investigação da aplicação do *smart power* nos mostra como diferentes formas de poder podem ser combinadas de forma eficiente para lidar com os desafios nas relações internacionais contemporâneas, adaptando-se às condições específicas de cada contexto, e observamos a BRI, como ícone dessa abordagem chinesa.

Ao concluirmos a análise teórica sobre o realismo ofensivo, o equilíbrio de poder e os conceitos relacionados de polaridade, coerção e dissuasão, temos um arcabouço bem sedimentado para avançar em nossa pesquisa, e pretendemos agora apresentar um recorte da realidade para posterior verificação de possíveis aderências relacionadas aos conceitos desenvolvidos no presente capítulo.

Dessa forma no próximo capítulo, contextualizaremos este crescimento, destacando como a modernização das forças armadas chinesas e uma política externa mais assertiva estão remodelando o cenário geopolítico mundial. Utilizaremos fatos históricos e dados relevantes para corroborar nossa análise, evidenciando a importância estratégica desse desenvolvimento tanto para a China quanto para o cenário geopolítico global.

3 O CONTEXTO DO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA

Inicialmente, faz-se necessário apresentar as condições econômicas que permitiram o crescimento militar da China no século XXI. A transformação econômica do país serviu como base para o aumento dos investimentos em defesa e modernização das forças armadas, estabelecendo uma relação direta entre prosperidade econômica e capacidade militar.

O robusto crescimento econômico da China nas últimas décadas serviu como alicerce fundamental para a expansão e modernização de suas forças armadas. A transformação econômica da China desde as reformas de mercado iniciadas por Deng Xiaoping em 1978, que gradualmente abriram a economia chinesa para o comércio internacional e investimentos estrangeiros, catalisou um período de crescimento sem precedentes. Este crescimento econômico contínuo aumentou significativamente os recursos disponíveis para o investimento em defesa, permitindo que a China embarcasse em um programa de modernização militar abrangente (Kennedy, 2017).

Além disso, a ascensão econômica da China não apenas aumentou sua capacidade de financiar avanços tecnológicos e aquisição de equipamentos militares avançados, mas também fortaleceu sua posição no cenário internacional, justificando uma política de defesa mais assertiva. A correlação entre a prosperidade econômica e o aumento das capacidades militares é evidente na trajetória recente da China, onde o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) se traduziu diretamente em maiores orçamentos de defesa e investimentos em inovação tecnológica militar (Allison, 2017).

3.1 Dados do crescimento militar da China

Dentro desse contexto, a China tem consistentemente aumentado seu orçamento militar ao longo das últimas décadas, refletindo uma estratégia de maximização do poder militar. O gasto militar da China em 2023 foi estimado em US\$ 296 bilhões, representando um aumento de 6% em relação a 2022. Este aumento marca o 29º ano consecutivo de crescimento nos gastos militares da China,

destacando um compromisso contínuo com a modernização e expansão de suas capacidades militares (Sipri, 2024).

A China direciona uma parte significativa de seu orçamento militar para a prontidão de combate do Exército de Libertação Popular (ELP). Este enfoque inclui investimentos em tecnologias avançadas, sistemas de armas modernos e a expansão da capacidade naval, incluindo a construção de porta-aviões e submarinos nucleares. A modernização naval da China é uma resposta estratégica para assegurar o controle sobre rotas marítimas vitais e projetar poder além de suas fronteiras imediatas (Sipri, 2023).

Além disso, o crescimento dos gastos militares da China (Ilustrados no Anexo B) tem um efeito dominó na região da Ásia-Pacífico. Vários países vizinhos, como Japão e Taiwan, aumentaram seus próprios orçamentos de defesa em resposta à crescente assertividade militar chinesa. Em 2023, o Japão alocou US\$ 50,2 bilhões para suas forças armadas, um aumento de 11% em relação ao ano anterior, enquanto Taiwan também registrou um aumento de 11% em seus gastos militares, atingindo US\$ 16,6 bilhões. Essas respostas indicam um esforço regional para equilibrar o poder crescente da China (Sipri, 2024).

O impacto global do crescimento militar da China também é significativo. A alocação de recursos para o desenvolvimento de capacidades militares avançadas, incluindo tecnologias cibernéticas e espaciais, posiciona a China como uma potência militar capaz de desafiar a supremacia tecnológica de outros países, como os Estados Unidos. Observamos assim que, esse investimento contínuo em modernização militar reflete uma estratégia de longo prazo para assegurar a posição da China no sistema internacional multipolar emergente (Sipri, 2024).

Comparando os dados acima ao longo das últimas décadas, podemos afirmar que eles revelam uma estratégia de maximização do poder militar. Este aumento contínuo sublinha o compromisso da China com a modernização e expansão de suas capacidades militares, destacando investimentos em tecnologias avançadas, sistemas de armas modernos e a expansão naval, incluindo porta-aviões e submarinos nucleares.

A modernização naval, especificamente, é uma resposta estratégica para assegurar o controle sobre rotas marítimas vitais e projetar poder além das fronteiras imediatas da China, refletindo uma estratégia de longo prazo para consolidar sua posição no sistema internacional emergente.

A interpretação do impacto regional e global do crescimento militar da China, nos revela um efeito dominó significativo, especialmente na região da Ásia-Pacífico. Países vizinhos, como Japão e Taiwan, aumentaram consideravelmente seus próprios orçamentos de defesa em resposta à assertividade militar chinesa.

Este aumento nos gastos militares indica um esforço regional para equilibrar o poder crescente da China. Além disso, a alocação de recursos chineses para o desenvolvimento de capacidades militares avançadas, incluindo tecnologias cibernéticas e espaciais, posiciona a China como uma potência capaz de desafiar a supremacia tecnológica de outros países, como os Estados Unidos, refletindo uma estratégia de assegurar a posição da China no sistema internacional multipolar

A modernização militar da China abrange diversos componentes essenciais que têm transformado suas capacidades de defesa e projeção de poder. No item 3.2, serão analisados os principais elementos desse desenvolvimento, incluindo a modernização da marinha, a força aérea, e o desenvolvimento de mísseis balísticos e armas hipersônicas.

3.2 Principais elementos do desenvolvimento militar da China

A China tem investido significativamente na modernização de sua marinha, um movimento estratégico que inclui a construção de porta-aviões, submarinos nucleares e outras embarcações avançadas. Esses investimentos são parte de um esforço deliberado para aumentar a capacidade de projeção de poder naval e garantir o controle de rotas marítimas críticas, como o Mar do Sul da China, que é uma rota vital para o comércio global. A construção de porta-aviões, como o Liaoning e o Shandong, e o desenvolvimento de novos submarinos nucleares, como o Tipo 094, ilustram a ambição da China de se estabelecer como uma potência naval global. Essa modernização naval não só expande a capacidade de combate da China, mas também serve como uma ferramenta de dissuasão, enviando uma mensagem clara a potenciais adversários sobre a capacidade de resposta militar da China (Erickson; Yoshishima, 2019).

Além da construção de novas embarcações, a modernização da marinha chinesa também envolve a atualização de suas capacidades tecnológicas e operacionais. A introdução de tecnologias avançadas, como sistemas de propulsão nuclear e armas hipersônicas, melhora significativamente a eficácia e a resistência

das forças navais chinesas. Essa expansão naval é fundamental para a estratégia de defesa e influência regional da China, permitindo uma maior ação de presença nos mares adjacentes e além. A presença de porta-aviões chineses é uma demonstração clara da capacidade de projeção de força do país (Holmes; Yoshishima, 2019).

A modernização da Força Aérea do Exército de Libertação Popular (PLAAF) é um componente crucial da estratégia militar da China, refletindo a busca por superioridade aérea regional e capacidade de projeção de poder global. A introdução de caças de quinta geração, como o J-20, junto com o desenvolvimento de aeronaves de transporte estratégico e bombardeiros de longo alcance, destaca o compromisso da China em atualizar suas capacidades aéreas. Esses avanços não apenas permitem à China manter superioridade aérea regional, mas também aumentam significativamente sua capacidade de realizar operações de longa distância e rápidas respostas a crises (Lin, 2019).

Além da introdução de novas aeronaves, a China está investindo em sistemas de defesa aérea avançados e em melhorias tecnológicas, como radares de última geração e sistemas de guerra eletrônica. Essas melhorias são essenciais para a estratégia de defesa da China, proporcionando uma vantagem tecnológica significativa sobre seus adversários. A modernização da força aérea, amplia sua capacidade de resposta rápida e eficaz em conflitos regionais e reforçando sua postura de dissuasão (Odgaard, 2018).

Ao investigar os investimentos significativos da China na modernização de sua marinha, interpretamos uma estratégia clara de aumentar a projeção de poder naval e assegurar o controle de rotas marítimas críticas. A construção de porta-aviões, e o desenvolvimento de submarinos nucleares, demonstram a ambição da China em se estabelecer como uma potência naval global. Esta modernização não só expande a capacidade de combate, mas também atua como uma ferramenta de dissuasão, enviando uma mensagem clara aos potenciais adversários sobre a capacidade de resposta militar da China.

Examinar a atualização das capacidades tecnológicas e operacionais da marinha chinesa, incluindo a introdução de tecnologias avançadas como sistemas de propulsão nuclear e armas hipersônicas, mostra melhorias significativas na eficácia e resistência das forças navais. Esta expansão naval é vital para a estratégia de defesa e influência regional da China, permitindo maior presença nos

mares adjacentes. A modernização da Força Aérea do Exército de Libertação Popular (PLAAF) complementa essa estratégia, com a introdução de caças de quinta geração e desenvolvimento de aeronaves de transporte estratégico e bombardeiros de longo alcance, reforçando a capacidade de resposta rápida e eficaz da China em conflitos regionais e sua postura de dissuasão.

O desenvolvimento de mísseis balísticos pela China reflete uma estratégia deliberada de aumentar suas capacidades ofensivas e de dissuasão, alinhando-se com os princípios do realismo ofensivo. A expansão do arsenal de mísseis balísticos intercontinentais (ICBM)², como o DF-41³, que possui um alcance capaz de atingir alvos nos Estados Unidos, destaca o compromisso da China em fortalecer sua postura de dissuasão nuclear. Esses avanços são parte de um esforço mais amplo de modernização militar destinado a garantir que a China possa responder eficazmente a qualquer ameaça externa e manter a estabilidade estratégica regional (Fravel, 2019).

Além disso, o desenvolvimento de mísseis de alcance intermediário, como o DF-26⁴, que pode ser usado tanto para ataques convencionais quanto nucleares, ilustra a versatilidade e a prontidão da China em utilizar suas forças balísticas em uma variedade de cenários. Kristensen e Norris (2018) apontam que o aumento do número e da sofisticação dos mísseis balísticos da China é uma resposta às capacidades de defesa antimísseis dos Estados Unidos e seus aliados, buscando assegurar que a China possa penetrar essas defesas e manter uma postura de dissuasão eficaz (Kristensen; Norris, 2018).

O desenvolvimento de armas hipersônicas pela China representa um avanço significativo em suas capacidades militares, refletindo uma estratégia de

² Mísseis balísticos intercontinentais (ICBM) são mísseis com um alcance mínimo de 5.500 quilômetros, projetados para transportar armas nucleares e outros tipos de ogivas de um continente a outro. Eles são lançados em um arco suborbital e passam por fora da atmosfera terrestre, permitindo que atinjam alvos a grandes distâncias com alta precisão. SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute: Military Expenditure Database. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. Acesso em: 27 maio 2024.

³ DF-41 é um míssil balístico intercontinental (ICBM) desenvolvido pela China, com capacidade de atingir alvos a uma distância de aproximadamente 15.000 km. O DF-41 pode carregar múltiplas ogivas nucleares (MIRV - Multiple Independently targetable Reentry Vehicles), permitindo que um único míssil ataque vários alvos simultaneamente, reforçando a postura de dissuasão nuclear da China (Fravel, 2019).

⁴ DF-26 é um míssil balístico de alcance intermediário desenvolvido pela China, com capacidade de atingir alvos a uma distância de aproximadamente 4.000 km. É conhecido por sua precisão e versatilidade, podendo ser armado com ogivas convencionais ou nucleares (Missile Defense Advocacy Alliance, 2024).

maximização do poder e de dissuasão. As armas hipersônicas, capazes de viajar a velocidades superiores a Mach 5 e de manobrar durante o voo, superam as defesas antimísseis tradicionais e oferecem à China uma vantagem estratégica importante. Essas armas são uma resposta direta às capacidades de defesa antimísseis dos Estados Unidos, permitindo à China manter uma postura de dissuasão credível e eficaz. A introdução dessas tecnologias avançadas demonstra o compromisso da China em assegurar superioridade tecnológica e manter uma vantagem sobre seus adversários (Gilli, 2021).

Outrossim, o desenvolvimento de armas hipersônicas é parte de uma estratégia mais ampla de modernização militar que inclui investimentos significativos em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Observa-se que a China está dedicando recursos substanciais para a inovação em armamentos avançados, garantindo que suas forças armadas possam operar com capacidades de última geração. Esse foco em P&D não apenas melhora a eficácia das forças armadas chinesas, mas também fortalece sua capacidade de projeção de poder e de dissuasão. A capacidade de lançar ataques precisos e rápidos com armas hipersônicas reforça a postura ofensiva da China, alinhando-se com os princípios do realismo ofensivo, onde a maximização do poder é essencial para a segurança nacional e a hegemonia regional (Shepherd, 2020).

A criação de bases militares no exterior é um elemento-chave da estratégia de realismo ofensivo da China, refletindo seu desejo de projetar poder além de suas fronteiras imediatas e proteger seus interesses estratégicos globais. A base militar em Djibouti, a primeira instalação militar chinesa no exterior, exemplifica essa abordagem. Destaca-se que essa base permite à China assegurar a segurança de suas rotas marítimas vitais e garantir a presença militar em uma região estratégica próxima ao Golfo de Aden e ao Mar Vermelho. A presença militar chinesa em Djibouti também facilita operações de segurança marítima, como patrulhas antipirataria e missões de resgate, fortalecendo a influência da China na região (Johnston, 2019).

Além de Djibouti, a China tem explorado a possibilidade de estabelecer outras bases militares em regiões estratégicas ao longo da *Belt and Road Initiative* (BRI). Percebe-se que a expansão de instalações militares no exterior faz parte de uma estratégia mais ampla para proteger os investimentos e a infraestrutura associados à BRI. A presença militar chinesa em países parceiros da BRI não só protege esses

investimentos, mas também aumenta a capacidade da China de projetar poder e influência em várias partes do mundo (Kaplan, 2018).

O exame do desenvolvimento de mísseis balísticos pela China, nos mostra uma estratégia deliberada de aumentar suas capacidades ofensivas e de dissuasão, alinhando-se com os princípios do realismo ofensivo. A expansão do arsenal de mísseis balísticos intercontinentais, destaca o compromisso da China em fortalecer sua postura de dissuasão nuclear. Esses avanços fazem parte de um esforço mais amplo de modernização militar destinado a garantir que a China possa responder eficazmente a qualquer ameaça externa e manter a estabilidade estratégica regional.

Adicionalmente, a investigação do desenvolvimento de armas hipersônicas pela China, nos revela um avanço significativo em suas capacidades militares, refletindo uma estratégia de maximização do poder e de dissuasão. Essas armas, oferecem à China uma vantagem estratégica relevante. Além disso, a criação de bases militares no exterior, permite a China projetar poder além de suas fronteiras imediatas, protegendo seus interesses estratégicos globais.

A crescente capacidade militar da China, impulsionada por investimentos contínuos em modernização e avanços tecnológicos, está desafiando diretamente a hegemonia americana e forçando uma reavaliação das estratégias de poder e segurança globais. No subitem 3.3, será discutido como o crescimento militar da China está promovendo essa transição de polaridade no sistema internacional, contribuindo para um cenário geopolítico mais complexo e competitivo.

3.3 Transição da polaridade no sistema internacional pelo crescimento militar da China

O crescimento militar da China está promovendo uma mudança significativa na polaridade do sistema internacional. Tradicionalmente dominado pela unipolaridade dos Estados Unidos, o sistema global está gradualmente se transformando em um sistema multipolar, onde diversas grandes potências coexistem e competem por influência. A ascensão de novas potências militares, como a China, desempenha um papel decisivo nessa transição. O aumento das capacidades militares chinesas, incluindo avanços tecnológicos e a expansão de

suas forças armadas, desafia diretamente a hegemonia americana, forçando uma reavaliação das estratégias de poder e segurança globais (Horowitz, 2018).

A crescente capacidade militar da China é um fator significativo na promoção de um novo equilíbrio de poder. Com investimentos contínuos em modernização e desenvolvimento de tecnologias avançadas, a China não apenas aumenta sua presença militar regional, mas também projeta seu poder em escala global. A China está se posicionando estrategicamente para influenciar regiões críticas ao redor do mundo, através da construção de bases militares no exterior e do fortalecimento de alianças militares. Esses movimentos estratégicos visam assegurar que a China tenha os recursos e a infraestrutura necessários para sustentar suas operações militares em longo prazo (Johnston, 2019).

Além disso, o crescimento militar da China está incentivando outras potências a aumentar seus próprios gastos com defesa, resultando em uma dinâmica de segurança complexa e competitiva. A expansão militar chinesa está desencadeando uma corrida armamentista na região da Ásia-Pacífico, com países como Japão, Índia e Austrália aumentando significativamente seus orçamentos militares para contrabalançar a influência chinesa. Esse fenômeno não só reforça a multipolaridade emergente, mas também cria um ambiente internacional mais volátil e imprevisível, onde o equilíbrio de poder está em constante flux (Kaplan, 2018).

A análise do trecho acima revela que o crescimento militar da China está promovendo uma mudança significativa na polaridade do sistema internacional, transformando-o de uma unipolaridade dominada pelos Estados Unidos para um sistema multipolar. Este desenvolvimento pode ser interpretado como um movimento estratégico que desafia diretamente a hegemonia americana, obrigando os Estados Unidos e outras potências a reavaliar suas estratégias de segurança e poder.

A ascensão das capacidades militares chinesas, com investimentos contínuos em modernização e tecnologia avançada, demonstra uma estratégia deliberada para projetar poder em escala global e assegurar uma presença militar significativa em regiões críticas. Este crescimento também está incentivando outras potências a aumentar seus gastos com defesa, o que reforça a multipolaridade emergente e cria um ambiente internacional mais volátil e competitivo, onde o equilíbrio de poder está em constante mudança.

A expansão das capacidades nucleares da China representa um dos aspectos mais críticos de seu crescimento militar. No item 3.4, serão discutidos os

principais desenvolvimentos na capacidade nuclear da China e como estes refletem a estratégia de realismo ofensivo, impactando o equilíbrio de poder global e a estabilidade estratégica.

3.4 Expansão das capacidades nucleares da China

Notadamente, a China tem investido significativamente na modernização de seu arsenal nuclear, o que é refletido no vertiginoso aumento de gastos nessa área (ilustrado no Anexo C). Este processo inclui a introdução de novos mísseis balísticos intercontinentais (ICBM), mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBM)⁵ e bombardeiros de longo alcance. Essas atualizações visam garantir uma resposta robusta e eficaz em caso de ataque nuclear, melhorando substancialmente a capacidade de dissuasão do país. O desenvolvimento de uma tríade nuclear mais sofisticada permite que a China adote uma postura mais firme na arena internacional, onde a busca pela segurança pode levar à expansão da influência militar (Kristensen & Norris, 2018).

A modernização das forças nucleares chinesas pode ser vista como uma tentativa de contrabalançar a superioridade nuclear dos Estados Unidos e, em menor medida, da Rússia. Este equilíbrio nuclear é essencial para a manutenção da estabilidade estratégica global, evitando que uma única potência detenha uma vantagem decisiva (Waltz, 1979).

Ademais, a China tem procurado aumentar a mobilidade e a capacidade de sobrevivência de suas forças nucleares. A adoção de mísseis móveis, tanto em terra quanto no mar, dificulta a neutralização de seu arsenal em um primeiro ataque, aumentando assim a credibilidade da dissuasão nuclear chinesa. Este foco na sobrevivência e na segunda capacidade de ataque enfatiza a importância de manter uma postura defensiva sólida para desencorajar adversários potenciais (Chase, Erickson & Yeaw, 2015).

⁵ Mísseis balísticos lançados de submarinos (SLBM) são mísseis balísticos projetados para serem lançados a partir de submarinos, possibilitando um segundo ataque nuclear, mesmo se as bases terrestres forem destruídas. Eles possuem capacidades de alcance intercontinental e são um componente crucial da tríade nuclear. Referência: SIPRI Yearbook 2022. Stockholm International Peace Research Institute, 2022.

Isto posto, a expansão das capacidades nucleares da China pode ser interpretada como uma estratégia para assegurar uma posição de destaque na ordem internacional emergente. A capacidade de lançar um contra-ataque nuclear eficaz proporciona à China uma maior margem de manobra em suas políticas externas e regionais, permitindo que desafie a influência americana na Ásia-Pacífico. (Fravel & Medeiros, 2010).

A modernização do arsenal nuclear da China tornou-se um dos principais focos de seu crescimento militar, na medida em que a China está atualmente, no meio de uma expansão significativa de suas forças nucleares. Em janeiro de 2022, o arsenal nuclear da China foi estimado em 350 ogivas, número que aumentou para 410 em janeiro de 2023. Esta expansão inclui o desenvolvimento de uma tríade nuclear composta por novos mísseis baseados em terra, mísseis lançados por submarinos e aeronaves com capacidade nuclear. Essa modernização visa garantir uma postura de dissuasão mais robusta, frente a qualquer ameaça nuclear potencial, refletindo a necessidade de adaptação às mudanças no ambiente de segurança global (Sipri, 2023).

Ademais, a modernização das forças nucleares chinesas inclui a construção de centenas de silos para mísseis de combustível sólido e o desenvolvimento de uma estratégia de "contra-ataque precoce", o que coloca em questão a política chinesa de não primeiro uso de armas nucleares. Essa evolução sugere que a China está ajustando sua doutrina nuclear para uma postura de dissuasão limitada, que poderia incluir a capacidade de lançar ataques nucleares preventivos em caso de ameaça iminente. Espera-se que até o final da década, a China pode ter um número de mísseis balísticos intercontinentais comparável ao dos Estados Unidos ou da Rússia, indicando uma transformação significativa na estrutura de poder nuclear global (Sipri, 2021; Breaking Defense, 2021).

A avaliação do investimento significativo da China na modernização de seu arsenal nuclear, destaca sua estratégia de aumentar capacidades ofensivas e de dissuasão. A introdução de novos mísseis balísticos intercontinentais, mísseis balísticos lançados por submarinos e bombardeiros de longo alcance visa garantir uma resposta robusta em caso de ataque nuclear. O desenvolvimento de uma tríade nuclear sofisticada permite que a China adote uma postura mais firme na arena internacional, aumentando sua influência militar.

Explorar as razões por trás da modernização das forças nucleares chinesas revela uma tentativa de contrabalançar a superioridade nuclear dos Estados Unidos. Além disso a adoção de mísseis móveis tanto em terra quanto no mar, aumenta a sobrevivência do arsenal nuclear chinês e dificulta sua neutralização em um primeiro ataque. Dessa forma, esta expansão das capacidades nucleares pode ser vista como uma estratégia para assegurar uma posição de destaque na ordem internacional emergente, desafiando a influência americana na Ásia-Pacífico e reforçando a postura defensiva e de dissuasão da China.

3.5 O crescimento militar da China e o dilema da segurança

A China tem investido substancialmente na modernização de suas forças armadas, incluindo o exército, a marinha e a força aérea. Pequim justifica esses investimentos como medidas necessárias para proteger seus interesses nacionais e garantir seu desenvolvimento econômico e político. No entanto, tais ações são vistas como ameaças pelos Estados Unidos e outras nações da região Ásia-Pacífico, que respondem com aumentos próprios nos gastos militares e o fortalecimento de alianças estratégicas. Essa busca incessante pela segurança pode levar a conflitos inevitáveis, uma vez que cada Estado interpreta as ações defensivas do outro como ofensivas (Mearsheimer, 2001).

Na Ásia-Pacífico, países como Japão, Coreia do Sul e Índia têm intensificado seus investimentos em defesa e fortalecido alianças estratégicas em resposta ao aumento do poder militar chinês. Essas nações percebem a modernização das forças armadas chinesas como uma ameaça potencial, levando a uma espiral de desconfiança e preparação militar. Já na esfera Global, os Estados Unidos adotaram uma estratégia de "rebalanceamento" para a Ásia, aumentando sua presença militar e consolidando parcerias com aliados na região para conter a influência da China. Essas reações são uma manifestação clara do dilema da segurança, onde os esforços de um Estado para aumentar sua segurança resultam em maior insegurança para outros, gerando um ciclo contínuo de ação e reação (Buzan, 1991).

As dinâmicas do dilema da segurança envolvendo a China e outras potências têm implicações significativas para a ordem internacional. A competição estratégica

na Ásia-Pacífico pode aumentar as tensões e o risco de conflitos armados, enquanto a corrida armamentista resultante pode desviar recursos de áreas importantes, como o desenvolvimento econômico e a cooperação internacional. A teoria do equilíbrio de poder sugere que, para evitar a guerra, os Estados devem buscar um balanço de poder que previna a dominação de qualquer um deles. No entanto, a aplicação prática dessa teoria no contexto contemporâneo é desafiadora, dada a interdependência econômica global e as complexas alianças políticas (Buzan, 1991).

Ao investigar o crescimento militar da China, identificamos que suas ações de modernização das forças armadas, embora justificadas como medidas defensivas para proteger interesses nacionais e assegurar desenvolvimento econômico e político, são percebidas como ameaças por outras nações, especialmente pelos Estados Unidos e países da Ásia-Pacífico.

Essa percepção de ameaça desencadeia respostas defensivas, como aumentos nos gastos militares e fortalecimento de alianças estratégicas, exemplificando o dilema da segurança. Compreendendo essa dinâmica, percebe-se que os esforços de um Estado para aumentar sua segurança resultam em maior insegurança para outros, criando um ciclo contínuo de ação e reação

Após a exposição dos fatos selecionados no presente capítulo, passaremos a partir de agora, a verificar os pontos de aderências, congruências e similaridades entre a teoria e a realidade, buscando responder as questões de pesquisa do presente trabalho: O crescimento militar da China altera o equilíbrio de poder global? Além disso, essa postura da China, é compatível com a Teoria do Realismo Ofensivo?

4 PONTOS DE ADERÊNCIA DO CRESCIMENTO MILITAR DA CHINA COM A TEORIA DO REALISMO OFENSIVO

Neste capítulo, o objetivo é analisar os pontos de aderência do crescimento militar da China com a teoria do Realismo Ofensivo, formulada por John Mearsheimer. Tendo como foco responder a questão de pesquisa que guia esta dissertação: "O crescimento militar da China altera o equilíbrio de poder global? Além disso, essa postura da China é compatível com a Teoria do Realismo Ofensivo?" Para responder a esta questão, será examinado como o comportamento da China no cenário internacional, particularmente seu aumento significativo de poder militar no século XXI, se alinha com os princípios do Realismo Ofensivo. Esta teoria sugere que, em um sistema internacional anárquico, onde não existe uma autoridade central, os grandes poderes estão sempre em busca de oportunidades para aumentar seu poder relativo em relação aos seus rivais.

Ao longo deste capítulo, será discutido como a China adota uma postura assertiva para fortalecer sua posição regional e global, analisando suas estratégias de maximização de poder e as ações tomadas para assegurar sua sobrevivência e influência no cenário global. Serão exploradas as ações da China dentro dos conceitos expostos ao longo desse trabalho, com ênfase no crescimento e modernização militar chinesa e seu impacto no equilíbrio de poder global sob os holofotes do Realismo Ofensivo. Esta análise permitirá entender se o crescimento militar da China, ao promover uma mudança na polaridade do sistema internacional, se alinha com a Teoria do Realismo Ofensivo e como essa dinâmica afeta a estabilidade e segurança globais.

4.1 O crescimento militar da China sob a perspectiva do realismo ofensivo

A teoria do Realismo Ofensivo, proposta por John Mearsheimer, fornece uma lente analítica poderosa para entender a política de poder no sistema internacional. Segundo Mearsheimer, em um mundo anárquico onde não há uma autoridade central, os Estados buscam maximizar seu poder relativo para garantir sua sobrevivência e segurança. Este comportamento é evidenciado pelo aumento significativo do poder militar da China no século XXI. Ao observar o ambiente

estratégico e identificar as vulnerabilidades de seus adversários, a China adota uma postura assertiva, procurando fortalecer sua posição tanto regional quanto globalmente.

O crescimento militar da China pode ser visto como uma manifestação direta dos princípios do Realismo Ofensivo. A busca incessante pela maximização do poder, uma característica central dessa teoria, é evidente nas ações chinesas de modernização e expansão de suas capacidades militares. Este movimento inclui o desenvolvimento de tecnologias avançadas, a construção de uma marinha de águas azuis e a expansão de suas forças aéreas e de mísseis. Esses esforços visam não apenas proteger seus interesses nacionais, mas também projetar seu poder além de suas fronteiras imediatas, reafirmando a relevância do Realismo Ofensivo na explicação da estratégia chinesa.

Além disso, a postura militar assertiva da China também se alinha com a visão de Mearsheimer sobre a competição perpétua entre grandes potências. A China, ao investir pesadamente em sua modernização militar, demonstra um claro entendimento da necessidade de estar preparada para possíveis conflitos e de dissuadir adversários de desafiar sua ascensão. Este comportamento reflete a noção de que, em um ambiente anárquico, a segurança só pode ser garantida através do poder e da capacidade de dissuasão, princípios fundamentais do Realismo Ofensivo.

Por fim, a estratégia chinesa de crescimento militar não apenas busca a autopreservação, mas também a alteração do equilíbrio de poder global. Ao desafiar a hegemonia dos Estados Unidos e fomentar um sistema internacional mais multipolar, a China segue a lógica do Realismo Ofensivo de maximizar seu poder em um cenário competitivo. Essa dinâmica ressalta como a teoria de Mearsheimer continua a oferecer uma estrutura robusta para analisar as ambições e estratégias das grandes potências no século XXI, especialmente à medida que a China expande sua influência militar e econômica globalmente.

4.2 A busca pela maximização de poder e a postura assertiva da China

Destacando a busca incessante dos Estados pela maximização de poder como uma estratégia para garantir sua sobrevivência em um sistema internacional

anárquico conforme preconiza o Realismo Ofensivo, avaliamos que este princípio é claramente ilustrado pelo comportamento da China nas últimas décadas, conforme demonstrado pelos dados apresentados no capítulo 3. Com um orçamento militar que alcançou US\$ 296 bilhões em 2023, a China evidencia seu compromisso contínuo com a modernização e expansão de suas forças armadas.

Os investimentos chineses em tecnologias avançadas e capacidades militares, como a construção de porta-aviões e submarinos nucleares, bem como o desenvolvimento do caça de quinta geração J-20, exemplificam uma postura que vai além da defesa nacional. Estes desenvolvimentos permitem à China projetar seu poder militar em regiões estratégicas, alinhando-se com a visão de Mearsheimer de que os Estados buscam maximizar seu poder para assegurar a autopreservação e aumentar sua influência regional e global.

Além disso, a modernização das forças armadas chinesas e a introdução de novas tecnologias, incluindo mísseis hipersônicos e capacidades cibernéticas, refletem uma abordagem estratégica pragmática. Ao identificar e explorar as vulnerabilidades de seus adversários, a China fortalece sua posição assertiva no cenário internacional. A criação de bases militares no exterior, como em Djibouti, demonstra a intenção de proteger rotas marítimas vitais e projetar poder, reforçando a aderência ao Realismo Ofensivo.

Essa postura não apenas garante a segurança da China, mas também tem como efeito a alteração do equilíbrio de poder global, e uma franca ameaça a hegemonia dos Estados Unidos, contribuindo para um sistema internacional mais multipolar e competitivo. A China, ao aumentar suas capacidades militares, promove uma dinâmica que exige uma reavaliação das estratégias de segurança por parte de outras grandes potências, validando a teoria do Realismo Ofensivo na explicação das ambições e estratégias das grandes potências emergentes.

4.3 Coerção e dissuasão como ferramentas de poder

Os conceitos de coerção e dissuasão são fundamentais para entender a estratégia de maximização de poder da China e sua postura no cenário internacional. Coerção, definida como a capacidade de influenciar o comportamento de outros Estados através da ameaça de causar dano, e dissuasão, que visa

desencorajar ações indesejadas mediante a ameaça de retaliação, são táticas estratégicas que se alinham perfeitamente com os princípios do Realismo Ofensivo. Conforme discutido no capítulo 2, essas estratégias são essenciais para os Estados que buscam garantir sua segurança e posição de poder em um ambiente internacional anárquico.

A aplicação dessas táticas pela China pode ser observada em suas ações militares e diplomáticas recentes. Por exemplo, o desenvolvimento e o posicionamento de mísseis balísticos de alcance intermediário, como o DF-26, demonstram uma clara capacidade de coerção, projetando poder e influência sobre regiões críticas e dissuadindo adversários de tomar ações que possam ameaçar os interesses chineses. A modernização de suas forças armadas e a expansão de suas capacidades cibernéticas e espaciais reforçam essa postura, aumentando a capacidade da China de responder a ameaças de maneira eficaz e convincente.

Além disso, a dissuasão nuclear da China, exemplificada pela modernização de seu arsenal nuclear e pela adoção de uma estratégia de "contra-ataque precoce", destaca a importância de manter uma postura de retaliação credível para prevenir ataques nucleares por parte de adversários. A introdução de mísseis móveis e submarinos nucleares melhora a capacidade de sobrevivência do arsenal chinês, garantindo que qualquer tentativa de ataque inicial seja dissuadida pela ameaça de uma resposta devastadora. Este comportamento se alinha com a perspectiva do Realismo Ofensivo, que enfatiza a necessidade de estratégias robustas de dissuasão para assegurar a sobrevivência e a influência dos Estados.

Por fim, a utilização combinada de coerção e dissuasão pela China não só reforça sua segurança nacional, mas também contribui para a estabilidade regional ao desencorajar ações hostis. Esta abordagem estratégica, baseada na maximização do poder e na prevenção de conflitos através da demonstração de força e capacidade de retaliação, exemplifica como a China incorpora os princípios do Realismo Ofensivo em sua política externa e militar. Ao integrar essas táticas em sua estratégia global, a China não apenas protege seus interesses imediatos, mas também fortalece sua posição como uma potência emergente no sistema internacional multipolar. Destacamos ainda que essa postura estratégica chinesa utilizando essas ferramentas de poder, altera potencialmente o equilíbrio de poder regional e global.

4.4 Aplicação do *hard power*, *soft power* e *smart power* na estratégia chinesa

A estratégia chinesa de crescimento militar pode ser analisada através dos conceitos de *hard power*, *soft power* e *smart power*, todos eles alinhados com os princípios do Realismo Ofensivo. O *hard power*, que envolve o uso de força militar e sanções econômicas, é uma componente central da política externa chinesa. Conforme discutido no capítulo 3, a China tem investido significativamente em sua marinha, força aérea e arsenal nuclear, demonstrando sua capacidade de projeção de poder e assegurando a proteção de seus interesses nacionais através de uma presença militar robusta.

O *soft power*, por outro lado, envolve a capacidade de influenciar outros Estados através da atração cultural, valores e políticas, sem recorrer à coerção. A China tem utilizado sua crescente influência econômica e diplomática para fortalecer laços com diversos países. Exemplos disso incluem a *Belt and Road Initiative* (BRI), que promove o desenvolvimento de infraestrutura e comércio global, criando dependências econômicas que ampliam a influência chinesa. Esta abordagem ajuda a moldar as preferências de outros Estados e criar um ambiente favorável às ambições geopolíticas chinesas.

A combinação de *hard power* e *soft power* resulta no conceito de *smart power*, que a China aplica integrando suas capacidades militares com sua influência econômica. Conforme apresentado no capítulo 3, os investimentos chineses em tecnologias avançadas e capacidades militares, junto com iniciativas econômicas como a BRI, mostram uma abordagem coordenada que maximiza os recursos disponíveis para alcançar seus objetivos estratégicos. Esta aplicação de *smart power* permite à China projetar poder de maneira eficaz, assegurando tanto a segurança quanto a expansão de sua influência internacional.

Esta estratégia integrada evidencia a capacidade da China de adaptar suas ações às necessidades do cenário internacional contemporâneo. Ao utilizar *hard power* para assegurar o controle de rotas marítimas vitais e *soft power* para ganhar aliados e influenciar políticas internacionais, a China demonstra uma compreensão sofisticada da complexidade das relações internacionais. Esta abordagem não apenas reforça sua posição como uma potência emergente, mas também contribui para a estabilidade regional ao promover a cooperação e a dissuasão simultaneamente.

4.5 A modernização militar chinesa e o impacto no equilíbrio de poder global

A modernização militar chinesa desempenha um papel crucial na alteração do equilíbrio de poder global, alinhando-se com os princípios do Realismo Ofensivo discutidos no capítulo 2. O investimento contínuo da China em tecnologias avançadas e capacidades militares tem sido uma característica marcante de sua estratégia de maximização de poder. Conforme detalhado no capítulo 3, a China tem direcionado recursos significativos para a modernização de sua marinha, força aérea e capacidades nucleares, refletindo um compromisso com a expansão de sua influência militar.

A construção de porta-aviões, como o Liaoning e o Shandong, e o desenvolvimento de submarinos nucleares são exemplos claros de como a China busca projetar seu poder além de suas fronteiras imediatas. Estes investimentos não só fortalecem a capacidade de defesa nacional, mas também permitem que a China exerça influência em regiões estratégicas, como o Mar do Sul da China, uma área vital para o comércio global. A modernização das forças armadas chinesas é, portanto, uma estratégia deliberada para aumentar sua capacidade de coerção e dissuasão, conforme discutido no capítulo 2.

Além disso, a expansão das capacidades nucleares da China, incluindo o desenvolvimento de mísseis balísticos intercontinentais e submarinos com capacidade nuclear, destaca uma estratégia de dissuasão robusta. Conforme apresentado no capítulo 3, a China tem investido em tecnologias que aumentam a sobrevivência e a eficácia de seu arsenal nuclear, garantindo que possa responder a qualquer ameaça com um contra-ataque devastador. Este foco na dissuasão nuclear reflete a necessidade de assegurar a sobrevivência e a estabilidade estratégica, elementos centrais da teoria do Realismo Ofensivo.

A modernização militar chinesa também tem implicações significativas para o equilíbrio de poder global. O aumento das capacidades militares chinesas desafia a hegemonia dos Estados Unidos, contribuindo para a transição de um sistema unipolar para um multipolar. Conforme discutido no capítulo 3, essa mudança na polaridade do sistema internacional cria um ambiente mais competitivo e instável, exigindo uma reavaliação das estratégias de segurança por parte das outras grandes potências. Esta dinâmica reforça a relevância do Realismo Ofensivo na

explicação das ambições e estratégias das grandes potências emergentes, como a China.

4.6 A expansão das capacidades nucleares da China

A expansão das capacidades nucleares da China é um componente crítico de sua estratégia de maximização de poder, refletindo claramente os princípios do Realismo Ofensivo discutidos anteriormente. Conforme detalhado no capítulo 3, a China tem investido significativamente na modernização de seu arsenal nuclear, introduzindo novos mísseis balísticos intercontinentais (ICBM), mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBM) e bombardeiros de longo alcance. Estes desenvolvimentos visam garantir uma resposta robusta e eficaz em caso de ataque nuclear, aumentando substancialmente a capacidade de dissuasão do país.

A modernização das forças nucleares chinesas pode ser vista como uma tentativa de contrabalançar a superioridade nuclear dos Estados Unidos e, em menor medida, da Rússia. A criação de uma tríade nuclear sofisticada permite à China adotar uma postura mais firme na arena internacional, assegurando que qualquer tentativa de ataque inicial seja dissuadida pela ameaça de uma resposta devastadora. Conforme discutido no capítulo 3, a adoção de mísseis móveis e submarinos nucleares aumenta a sobrevivência do arsenal chinês, dificultando sua neutralização em um primeiro ataque.

Essa estratégia de dissuasão nuclear é um exemplo claro de como a China busca maximizar seu poder para garantir sua segurança e influência. A expansão das capacidades nucleares não apenas fortalece a posição defensiva da China, mas também contribui para a estabilidade estratégica regional, ao desencorajar ações hostis por parte de outras potências. Este comportamento está em linha com a visão de Mearsheimer sobre a necessidade dos Estados de buscar continuamente oportunidades para aumentar seu poder relativo em um ambiente internacional competitivo e anárquico.

Por fim, a modernização do arsenal nuclear da China e a adoção de uma estratégia de dissuasão refletem a intenção do país de assegurar uma posição de destaque na ordem internacional emergente.

4.7 O dilema da segurança e a percepção de ameaça

O crescimento militar da China, embora justificado como uma medida defensiva para proteger seus interesses nacionais e assegurar seu desenvolvimento econômico e político, é percebido como uma ameaça por outras nações, especialmente pelos Estados Unidos e países da Ásia-Pacífico. Esta percepção de ameaça desencadeia respostas defensivas, exemplificando o dilema da segurança, conforme discutido no capítulo 2. Conforme detalhado no capítulo 3, os Estados Unidos adotaram uma estratégia de "rebalanceamento" para a Ásia, aumentando sua presença militar e consolidando parcerias com aliados na região para conter a influência da China.

Na região da Ásia-Pacífico, países como Japão, Coreia do Sul e Índia têm intensificado seus investimentos em defesa e fortalecido alianças estratégicas em resposta ao aumento do poder militar chinês. Essas nações percebem a modernização das forças armadas chinesas como uma potencial ameaça, levando a uma espiral de desconfiança e preparação militar. Esta dinâmica é uma manifestação clara do dilema da segurança, onde os esforços de um Estado para aumentar sua segurança resultam em maior insegurança para outros, gerando um ciclo contínuo de ação e reação.

As implicações do dilema da segurança para a ordem internacional são significativas. A competição estratégica na Ásia-Pacífico pode aumentar as tensões e o risco de conflitos armados, enquanto a corrida armamentista resultante pode desviar recursos de áreas importantes como o desenvolvimento econômico e a cooperação internacional. A teoria do equilíbrio de poder, conforme discutida no capítulo 2, sugere que para evitar a guerra, os Estados devem buscar um balanço de poder que previna a dominação de qualquer um deles. No entanto, a aplicação prática dessa teoria no contexto contemporâneo é desafiadora, dada a interdependência econômica global e as complexas alianças políticas. Esta dinâmica ressalta a relevância do Realismo Ofensivo na explicação das estratégias de poder e segurança adotadas pelas grandes potências no sistema internacional contemporâneo, sobretudo a China.

Neste capítulo, analisamos como o crescimento militar da China se alinha com a teoria do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer, explorando os pontos de

aderência entre a realidade geopolítica chinesa e os princípios teóricos discutidos nos capítulos anteriores. A questão de pesquisa central desta dissertação – "O crescimento militar da China altera o equilíbrio de poder global? Além disso, essa postura da China é compatível com a Teoria do Realismo Ofensivo?" – foi abordada de forma abrangente ao longo deste capítulo e será explicitamente respondida na conclusão a seguir.

5 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, examinamos a pergunta central: "O crescimento militar da China altera o equilíbrio de poder global? Além disso, essa postura da China é compatível com a Teoria do Realismo Ofensivo?" Para responder a essas questões, confrontamos a teoria do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer, que argumenta que, em um sistema internacional anárquico, os grandes poderes estão sempre em busca de oportunidades para aumentar seu poder relativo em relação aos seus rivais, com as atitudes e posturas militares da China, com ênfase no seu crescimento militar, a fim de verificar as aderências e similaridades entre a teoria e a realidade

Inicialmente, examinamos a necessidade dos Estados de buscar maximizar seu poder relativo, conforme a teoria do Realismo Ofensivo, e vimos como a China, ao longo das últimas décadas, investiu pesadamente na modernização de suas forças armadas e na ampliação de suas capacidades militares. Estes esforços refletem a busca incessante da China por maximizar seu poder e assegurar sua posição no sistema internacional, demonstrando uma postura assertiva para fortalecer sua influência regional e global.

Exploramos também as estratégias de coerção e dissuasão adotadas pela China, que se alinham aos princípios do Realismo Ofensivo. O desenvolvimento de mísseis balísticos e a modernização do arsenal nuclear chinês exemplificam a capacidade do país de dissuadir adversários e garantir uma postura defensiva robusta. A aplicação de *hard power* e *soft power*, combinados em uma estratégia de *smart power*, evidencia a habilidade da China de projetar poder e influência de maneira eficaz, utilizando uma abordagem integrada para alcançar seus objetivos geopolíticos.

Além disso, a modernização militar chinesa e sua implicação no equilíbrio de poder global foram discutidas, mostrando como o aumento das capacidades militares da China desafia a hegemonia dos Estados Unidos e contribui para a transição de um sistema unipolar para um multipolar. Dessa forma avaliamos que expansão das capacidades nucleares da China reflete uma estratégia de dissuasão robusta, que garante a sobrevivência e a estabilidade estratégica do país, reforçando sua posição no cenário internacional emergente, em uma postura claramente alinhada ao preconizado pela teoria do realismo ofensivo.

Por fim, abordamos o dilema da segurança, onde o crescimento militar da China, percebido como uma ameaça por outras nações, desencadeia respostas defensivas que exemplificam a espiral de desconfiança e preparação militar. Esta dinâmica destaca como os esforços de um Estado para aumentar sua segurança resultam em maior insegurança para outros, gerando um ciclo contínuo de ação e reação, e exigindo uma reavaliação das estratégias de segurança global.

Após sintetizar os pontos principais discutidos, dada a complexidade para determinar com exatidão as intenções geopolíticas reais dos Estados, se mostra pertinente graduar as aderências do crescimento militar da China em relação às características centrais do Realismo Ofensivo de John Mearsheimer. A seguir, apresentamos os aspectos com maior e menor aderência investigadas nesse estudo:

Em primeiro lugar, a maximização do poder, uma das características mais marcantes do Realismo Ofensivo, encontra grande aderência nas ações da China. O país tem consistentemente investido em tecnologias militares avançadas e expandido suas capacidades ofensivas e defensivas. Este compromisso com a modernização militar visa não apenas garantir a defesa nacional, mas também projetar poder globalmente, buscando superioridade tecnológica e militar sobre seus adversários.

Em segundo lugar, a busca pela hegemonia regional é outra característica onde a China demonstra forte aderência ao Realismo Ofensivo. A sua postura assertiva no Mar do Sul da China, incluindo a militarização de ilhas artificiais e a construção de bases militares estratégicas como a de Djibouti, exemplificam a tentativa de consolidar sua influência na Ásia-Pacífico. Estas ações são projetadas para limitar a presença e a influência de outras potências, como os Estados Unidos, e assegurar uma posição dominante na região.

Terceiro, a importância da dissuasão e capacidade de resposta a ameaças é claramente refletida na modernização das forças nucleares da China e no desenvolvimento de capacidades de segunda ofensiva. Esta estratégia nuclear é fundamental para a política de segurança da China, pois fortalece a sua capacidade de dissuasão e assegura que qualquer tentativa de confronto direto seja vista como extremamente custosa para seus adversários.

Contudo, o aspecto da propensão à guerra preventiva outro traço marcante do realismo Ofensivo, onde os Estados tomam ações ofensivas para impedir que

potenciais adversários se tornem mais poderosos, parece ter menos aderência no caso da China. Embora a China tenha demonstrado assertividade em várias áreas, suas ações não têm se caracterizado por iniciativas preventivas diretas contra grandes potências rivais. Em vez disso, a China tem preferido estratégias de longo prazo para aumentar gradualmente sua influência e capacidade militar, evitando confrontos diretos que poderiam desencadear conflitos de grande escala.

Assim, ao analisar o crescimento militar da China através das lentes do Realismo Ofensivo, constatamos uma forte aderência a vários princípios centrais da teoria, com exceção da propensão à guerra preventiva, que é menos evidente. Dessa forma em que pese não haver aderência plena às suas características concluímos que o crescimento militar da China, é compatível com a teoria do Realismo Ofensivo e altera significativamente o equilíbrio de poder global. A postura assertiva da China, sua busca pela maximização de poder, e as estratégias de coerção e dissuasão adotadas, reforçam a relevância do Realismo Ofensivo, que se mostra cada vez mais atual, como uma estrutura teórica validada para entender as ambições e estratégias aplicadas ao caso da China, que se projeta como uma das grandes potências emergentes no século XXI.

REFERÊNCIAS

- ALLISON, Graham. **Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap**
- BREAKING DEFENSE. **Chinese Nuke Modernization Prompts Shift In DoD Strategy**. Disponível em: <https://www.breakingdefense.com>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- BUZAN, Barry. **People, States, and Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era**. Boulder: Lynne Rienner, 1991.
- CHASE, M. S., ERICKSON, A. S., & YEAW, C. T. **Chinese Theater and Strategic Missile Force Modernization and Its Implications for the United States**. Journal of Strategic Studies, v. 38, n. 1-2, p. 127-159, 2015.
- CHINAPOWER PROJECT. **How Is the Belt and Road Initiative Advancing China's Interests?** 2024. Disponível em: <https://chinapower.csis.org/belt-and-road-initiative/>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- ERICKSON, Andrew S.; YOSHISHIMA, Michael. **China Goes to Sea: Maritime Transformation in Comparative Historical Perspective**. Annapolis: Naval Institute Press, 2019? New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- FRAVEL, M. Taylor. **Active Defense: China's Military Strategy since 1949**. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GILLI, Andrea; GILLI, Mauro. **Why China Has Not Caught Up Yet: Military-Technological Superiority and the Limits of Imitation, Reverse Engineering, and Cyber Espionage**. International Security, 2021
- HOLMES, James R.; YOSHISHIMA, Toshi. **Red Star over the Pacific: China's Rise and the Challenge to U.S. Maritime Strategy**. Annapolis: Naval Institute Press, 2019.
- KENNEDY, P. **The Rise and Fall of the Great Powers: Economic Change and Military Conflict from 1500 to 2000**. New York: Random House, 2017.
- KRISTENSEN, Hans M.; NORRIS, Robert S. **Chinese nuclear forces**, 2018. Bulletin of the Atomic Scientists, 2018.
- LIN, Bonnie. **Chinese Military Modernization: Force Development and Strategic Capabilities**. Washington, D.C.: RAND Corporation, 2019.
- MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001.
- MINGST, Karen A. **Essentials of International Relations**. 6th ed. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

MISSILE DEFENSE ADVOCACY ALLIANCE. **Missile threat and proliferation: China DF-26.** Disponível em: <<https://missiledefenseadvocacy.org/missile-threat-and-proliferation/todays-missile-threat/china/df-26/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

NYE, Joseph S. Jr. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** New York: Public Affairs, 2004.

ODGAARD, Liselotte. **China's Quest for Global Order: From Peaceful Rise to Strengthening China's International Role.** Ithaca: Cornell University Press, 2011.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Política Internacional: Temas e Agendas.** São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

SHEPHERD, Christian. **China's Military Reform and Modernization: Implications for the United States.** Washington, D.C.: CSIS, 2020.

SCHELLING, Thomas C. **Arms and Influence. New Haven:** Yale University Press, 2008.

SIPRI. **Stockholm International Peace Research Institute: Military Expenditure Database.** Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. Acesso em: 27 maio 2024.

SIPRI. **Stockholm International Peace Research Institute: New military expenditure data, Chinese and Russian peacebuilding, Indo-Pacific naval build-up, missile technology controls and more.** Disponível em: <https://www.sipri.org>. Acesso em: 27 maio 2024.

SIPRI. **Stockholm International Peace Research Institute: Global nuclear arsenals grow as states continue to modernize.** Disponível em: <https://www.sipri.org>. Acesso em: 24 jun. 2023.

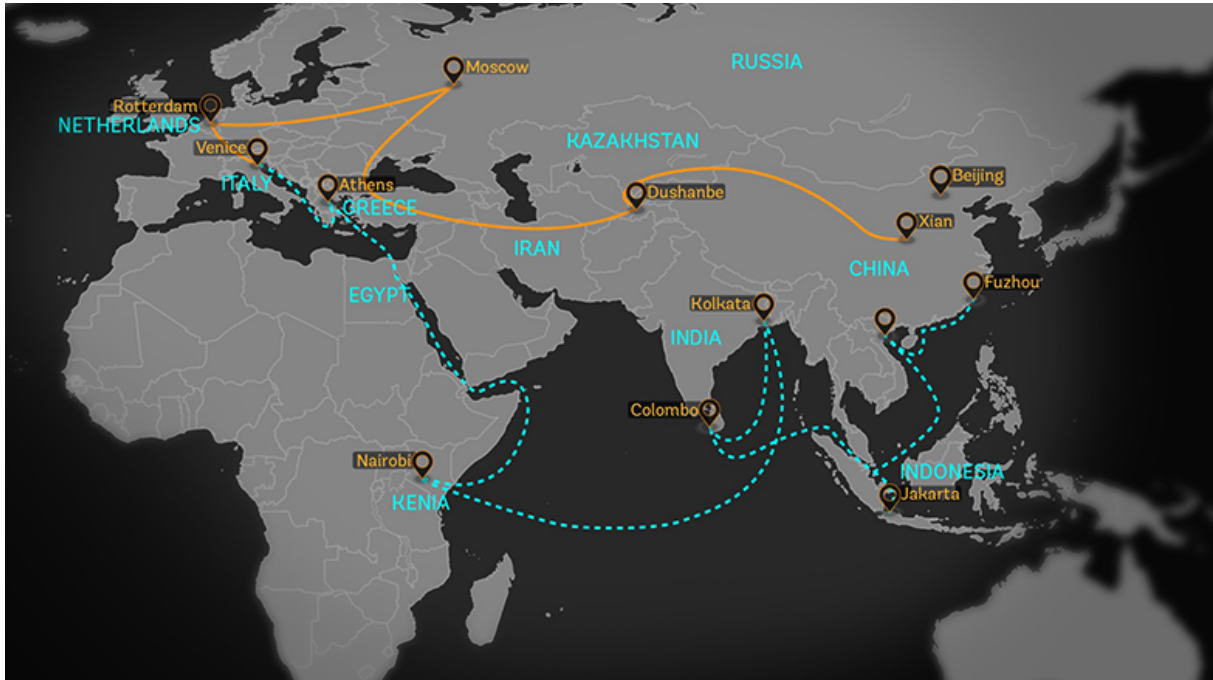
WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics.** Reading: Addison-Wesley, 1979.

JOHNSTON, Alastair Iain. **China in a World of Orders: Rethinking Compliance and Challenge in Beijing's International Relations.** Princeton: Princeton University Press, 2019.

KAPLAN, Robert D. **Asia's Cauldron: The South China Sea and the End of a Stable Pacific.** New York: Random House, 2018.

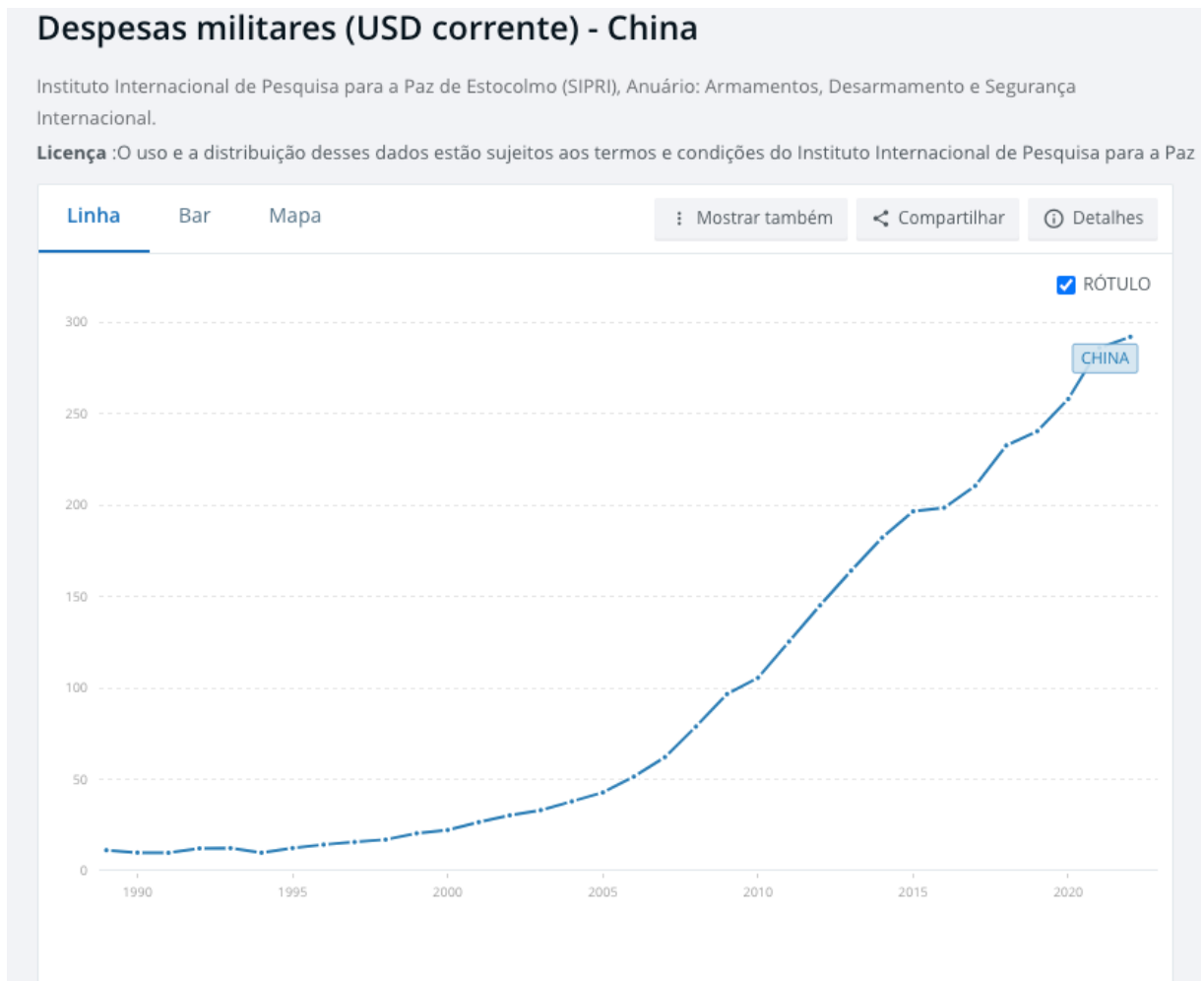
ANEXOS

ANEXO A - Mapa da Belt and Road Initiative (BRI) da China.



Fonte: Fonte: WORLD BANK. Belt and Road Initiative. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/regional-integration/brief/belt-and-road-initiative>. Acesso em: 17 jul. 2024.

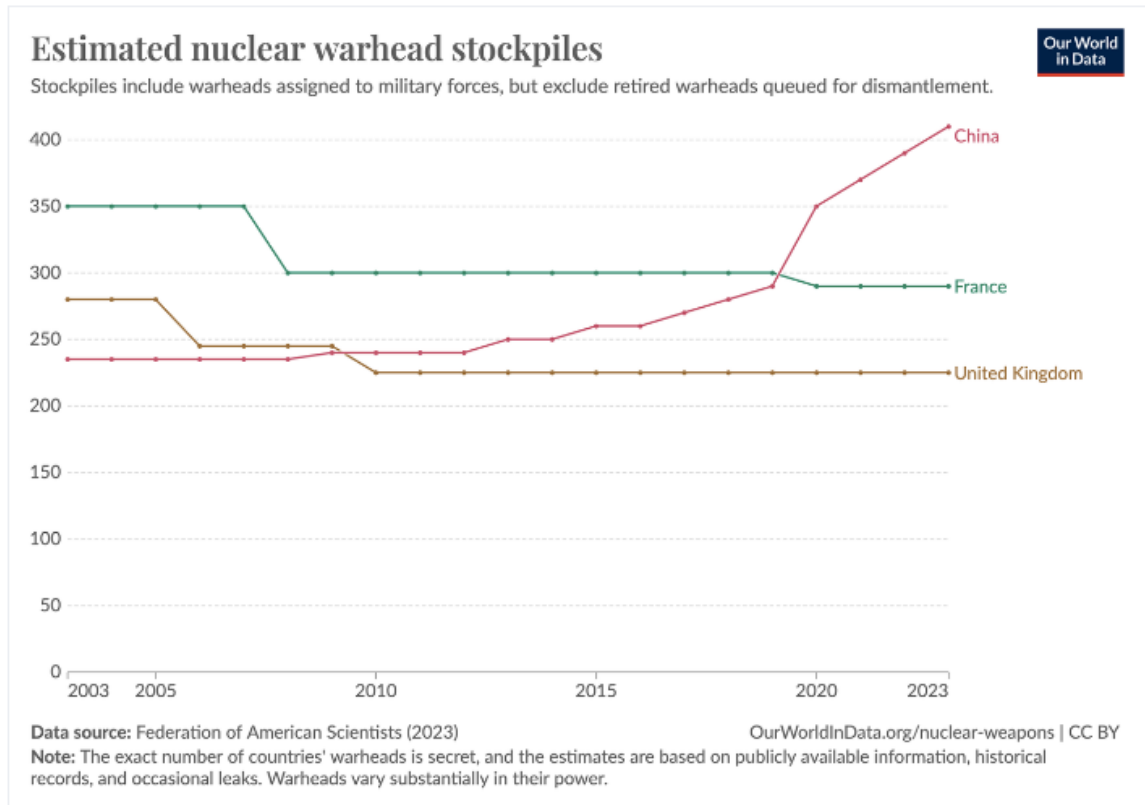
ANEXO B – Gráfico dos gastos militares da China em bilhões de dólares



Fonte: WORLD BANK. Military expenditure (% of GDP) - China. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS?locations=CN>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ANEXO C – Gráfico da expansão de armas nucleares da China

China has been expanding its nuclear weapons arsenal



HERRE, Bastian. China has been expanding its nuclear weapons arsenal. Our World in Data, 2024. Disponível em: <https://ourworldindata.org/data-insights/china-has-been-expanding-its-nuclear-weapons-arsenal>. Acesso em: 21 jul. 2024.